



Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Denise Pereira
(Organizadora)

Denise Pereira

(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C198	Campos de saberes da história da educação no Brasil 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-455-9 DOI 10.22533/at.ed.559190507 1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O BORDADO NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Isabella Brandão Lara Ana Maria de Oliveira Galvão	
DOI 10.22533/at.ed.5591905071	
CAPÍTULO 2	13
ENSINO A DISTÂNCIA NO BRASIL: HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO	
Bruna Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.5591905072	
CAPÍTULO 3	25
A ANPUH-SP E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PAULISTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS	
Ana Paula Giavara	
DOI 10.22533/at.ed.5591905073	
CAPÍTULO 4	39
DIFERENTES CENÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA PÚBLICA DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL	
Dehon da Silva Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.5591905074	
CAPÍTULO 5	52
ENSINO DE HISTÓRIA EM MUSEUS: A EXPERIÊNCIA DA MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Priscila Lopes d’Avila Borges	
DOI 10.22533/at.ed.5591905075	
CAPÍTULO 6	61
O PROCESSO INQUISITORIAL 8064 À LUZ DA MICRO-HISTÓRIA	
Guilherme Marchiori de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.5591905076	
CAPÍTULO 7	71
OS PRONTUÁRIOS MÉDICOS COMO FONTE PARA A HISTÓRIA: O CASO DO <i>LEPROSÁRIO</i> CEARENSE ANTÔNIO DIOGO (1928-1939)	
Francisca Gabriela Bandeira Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.5591905077	
CAPÍTULO 8	82
PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: O ESTUDO DO MEIO COMO PRÁTICA PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcos Rafael da Silva Tathianni Cristini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5591905078	

CAPÍTULO 9	92
DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA A (RE)INTERPRETAÇÃO DA CULTURA MATERIAL DOS MUSEUS	
Wagner Lucas Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5591905079	
CAPÍTULO 10	101
O MITO LUSITANO DO LICANTROPO E SUA HERANÇA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	
Maximiliano Ruste Paulino Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050710	
CAPÍTULO 11	111
A FALA COMO APRENDIZADO NAS PRÁTICAS DA LIGA CAMPONESA DO ENGENHO GALILÉIA	
Reginaldo José da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050711	
CAPÍTULO 12	124
A INFLUÊNCIA DOS TUTORES NA EDUCAÇÃO DE ÓRFÃOS EM MARIANA (1790-1822)	
Leandro Silva de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.55919050712	
CAPÍTULO 13	131
A LEITURA DAS ATAS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ (1964 – 1985)	
Flávio William Brito Matos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050713	
CAPÍTULO 14	142
O CONSELHO DE INTENDÊNCIA DO SERRO/MG E A INSTRUÇÃO PÚBLICA DA REPÚBLICA, DE 1890 A 1892	
Danilo Arnaldo Briskievicz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050714	
CAPÍTULO 15	155
A POLÍTICA DE INCENTIVO ÀS MANUFATURAS TÊXTEIS EM PORTUGAL SÉCULO XVII: DOS DISCURSOS DE DUARTE RIBEIRO DE MACEDO À GESTÃO DO 3º CONDE DA ERICEIRA	
Alex Faverzani da Luz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050715	
CAPÍTULO 16	172
AS RECORDAÇÕES IMPERTINENTES DE ISAÍAS CAMINHA: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, AUTOBIOGRAFIA E LITERATURA NA PRODUÇÃO DO ESCRITOR LIMA BARRETO	
Carlos Alberto Machado Noronha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050716	

CAPÍTULO 17	181
A PROCESSUALIDADE DE UMA POLÍTICA COOPERATIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO ENSINO SUPERIOR	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
Reginaldo Célio Sobrinho	
Edson Pantaleão	
Giselle Lemos Shmidel Kaustsky	
DOI 10.22533/at.ed.55919050717	
CAPÍTULO 18	190
CONHECIMENTOS SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: BASE PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	
Giselle Lemos Schmidel Kautsky	
Reginaldo Celio Sobrinho	
Edson Pantaleão Alves	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050718	
CAPÍTULO 19	199
DIREITOS SOCIAIS E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS	
Monica Isabel Carleti Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050719	
CAPÍTULO 20	210
CENTROS DE PESQUISA SOBRE A VIOLÊNCIA NO BRASIL	
Bárbara Birk de Mello	
Luiz Antonio Gloger Maroneze	
DOI 10.22533/at.ed.55919050720	
CAPÍTULO 21	221
DESAPRENDENDO O JÁ SABIDO: O “ESTADO NOVO” NO EMBALO DO SAMBA	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050721	
CAPÍTULO 22	238
CINEMA, CULTURA POPULAR E MEMÓRIA NA VISÃO DO CINEASTA HUMBERTO MAURO	
Sérgio César Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050722	
CAPÍTULO 23	248
DAS PÁGINAS DOS JORNAIS PARA AS TELAS: A REPRESENTAÇÃO DO ESQUADRÃO DA MORTE NO CINEMA BRASILEIRO DA DÉCADA DE 1970	
Renata dos Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050723	
CAPÍTULO 24	259
O LUGAR DO MÚSICO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E REGIONAL	
Douglas José Gonçalves Costa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050724	

CAPÍTULO 25	269
ROTAS DE TEATRO, BRASIL E PORTUGAL: ENCENAÇÕES, ENGAJAMENTO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA NOS ANOS 1960 E 1970	
Kátia Rodrigues Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050725	
CAPÍTULO 26	281
FICCIONALIZANDO REALIDADES: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA EM “THE HANDMAID’S TALE”, DE MARGARET ATWOOD	
Isabela G. Parucker	
DOI 10.22533/at.ed.55919050726	
CAPÍTULO 27	290
ÍNDIOS PANKARÁ: ENTRE A SERRA E O RIO. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ALTERIDADE	
Alberto Reani	
DOI 10.22533/at.ed.55919050727	
CAPÍTULO 28	301
NO SÉCULO XVIII, OS INDÍGENAS NA FORMAÇÃO DA CAPITANIA DE MATO GROSSO	
Gilian Evaristo França Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050728	
CAPÍTULO 29	316
A METODOLOGIA KELLYANA APLICADA À TEMÁTICA INDÍGENA	
Rosemary Pinheiro Da Paz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050729	
CAPÍTULO 30	329
UMA VISÃO DOS INDÍGENAS DO SUL DE MINAS NOS RELATOS DE ALGUNS MEMORIALISTAS	
Gustavo Uchôas Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.55919050730	
CAPÍTULO 31	340
INTERCÂMBIO DE IDEIAS: CORRESPONDÊNCIAS ENTRE ARTHUR RAMOS E MELVILLE HERSKOVITS (ACERCA DA CULTURA AFRO-AMERICANA, 1935-1949)	
Heloísa Maria Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050731	
CAPÍTULO 32	352
ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO: O VALOR DA CAPOEIRA	
Jefferson Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050732	

CAPÍTULO 33 363

ESMERALDINAS, CREMILDAS E LOURDES:TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NO MOVIMENTO QUILOMBOLA NO RIO ANDIRÁ, FRONTEIRA AMAZONAS/PARÁ (2005-2016)

João Marinho da Rocha

Marilene Correa da Silva Freitas

DOI 10.22533/at.ed.55919050733

SOBRE A ORGANIZADORA..... 372

CONHECIMENTOS SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: BASE PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA

Giselle Lemos Schmidel Kautsky

Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes -
Vitória/ES

Reginaldo Celio Sobrinho

Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes -
Vitória/ES

Edson Pantaleão Alves

Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes -
Vitória/ES

Euluze Rodrigues da Costa Junior

Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes -
Vitória/ES

RESUMO: Apresentamos a análise de parte de uma pesquisa de mestrado, focando uma questão da entrevista que objetivava saber se após um curso de extensão realizado, a aprendizagem dos conhecimentos sociais desenvolvidos colaborou para a prática pedagógica inclusiva dos professores envolvidos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, delineada como pesquisa-formação, cujas análises sustentam-se nos pressupostos da Sociologia Figuracional, elaborada por Norbert Elias, particularmente, os conceitos de interdependência, figuração e tecnização. Nos resultados, observa-se que para os professores é absolutamente pertinente a proposta de conhecimentos sociais que qualifiquem e potencializem a escolarização dos estudantes público-alvo da Educação Especial.

PALAVRAS-CHAVE: Formação continuada. Pesquisa-formação. Educação Especial.

ABSTRACT: We presented this analysis part of one master's research, focusing on a matter of the interview that aimed to know if after an extension course performed, the learning of the social knowledge developed collaborated to the inclusive pedagogical practice of the teachers involved. This is a qualitative research, designed as research-formation whose analyzes sustain up on the assumptions of sociology figurational, elaborated by Norbert Elias, particularly the interdependence of concepts, figuration and tecnização. In the results, it is observed that for teachers is absolutely relevant to proposed social knowledge that qualify and boosting the education of the students that are the target audience from Special Education.

KEYWORDS: Continuing Education. Research Training. Special Education.

Apresentaremos neste artigo, parte do segundo momento de uma pesquisa de mestrado originalmente intitulada "A formação continuada de professores do ensino comum no campo da Educação Especial", que teve como objetivo maior analisar aspectos de uma formação continuada desenvolvida junto com um grupo de professores do ensino comum, que

atuavam junto a estudantes público-alvo da Educação Especial. O desenvolvimento da investigação, aconteceu entre os meses de fevereiro e outubro de 2015, a partir de dois momentos distintos: o primeiro constituiu-se de uma formação continuada, organizada como um curso de extensão de 120 horas. O segundo momento, deu-se por meio da efetivação de entrevista aos professores participantes, quatro meses após o término da formação continuada.

Nos encontros, procuramos atender as expectativas de conhecimento social buscado pelo grupo de professores participantes. Nesse sentido, os planejamentos para os encontros foram organizados a partir dos aportes teórico-metodológicos de abordagem histórico-cultural, com o propósito de apresentar uma perspectiva de educação inclusiva para a prática docente, visando, principalmente, a escolarização dos estudantes público-alvo da Educação Especial.

Para o segundo momento da pesquisa, recorreremos a proposta de entrevista sugerida no artigo “Compreender”, de Pierre Bourdieu (1997). O autor registra a necessária relação de interação entre o pesquisador e o entrevistado e a importância de o pesquisador adotar uma “escuta ativa e metódica” das narrativas. Acolhemos a abordagem de Bourdieu (1997) para embasar nossa entrevista, como uma possibilidade de considerar/perguntar o que os professores identificaram na formação empreendida e que possa ter contribuído para a ampliação qualitativa de uma docência, na perspectiva da inclusão dos estudantes público-alvo da Educação Especial.

Em termos teórico-metodológicos, nossa investigação foi de natureza qualitativa, delineada como pesquisa-formação, assumida como um diálogo que “[...] respeita as diversas formas de saber existentes e, fundamentalmente, é processo de formação política” (LONGAREZI e SILVA, 2008, p. 223).

Ao considerar a pesquisa-formação como um espaço de diálogo entre os participantes, objetivamos conhecer os variados saberes profissionais e constituir um convite para uma prática docente inclusiva. Nesse movimento, acolhemos o pressuposto de que a organização e a padronização de certos princípios comportamentais, constituem-se de acordo com as mudanças sociais e a necessidade de regular as interações entre os indivíduos - a partir de avanços e/ou retrocessos econômicos, educacionais, tecnológicos e outros fenômenos a que esses indivíduos estejam expostos (ELIAS, 1994).

Optamos pelo aporte teórico da Sociologia Figuracional, em especial nos conceitos de interdependência, figuração e tecnização, considerando a relação processual entre o conjunto dessas ideias como suporte para a análise da avaliação feita pelos professores. Nesse sentido, analisamos como os professores relacionaram os conhecimentos e aprendizagens desenvolvidos durante o curso de extensão aos próprios planejamentos, visando práticas pedagógicas que oportunizassem a participação para todos os estudantes presentes em suas salas de aula.

Para a teoria eliasiana, as estruturas psicológicas individuais e sociais, resultam de um longo processo histórico de interdependência dos movimentos relacionais

existentes nos variados espaços da sociedade. Nesses espaços constituem-se as interações sociais - condição fundamental para o desenvolvimento do homem singular e da humanidade, assim “[...] a existência da pessoa como ser individual é indissociável de sua existência como ser social” (ELIAS, 1994, p. 124).

Dessa forma, entende-se que de forma concreta, tudo o que acontece com o indivíduo é resolvido por meio das interações, como por exemplo, na escola, onde o professor é dependente das regras de um sistema de ensino, de seus alunos, dos seus colegas de trabalho, dos conhecimentos sociais que amparam suas práticas... todos estão em constante interdependência em um contexto social.

O conceito de figuração, pode ser entendido como cada espaço social presente em um dado momento da civilização, como: família, igreja, escola, sala de aula... em suas diferentes constituições e movimentos culturais. As concepções presentes nos espaços sociais influenciam e são influenciados pelos indivíduos que os constituem, determinando os movimentos de interação relacional, de interdependência. Entretanto, devemos ressaltar, que “[...] o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros, e essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade” (ELIAS, 1994, p. 27). Nesse sentido, os espaços figuracionais, mesmo que olhados como coletivos necessários aos movimentos de interação relacional, são constituídos por indivíduos singulares.

É propício registrar que as figurações “[...] possuem peculiaridades estruturais e são representantes de uma ordem do tipo particular” (ELIAS, 2006, p. 26), que nos incita a pensar nas características de cada sociedade, nos escapando o enquadramento do conceito em um modelo hegemônico e homogêneo, tampouco imutável, mas sim, em uma condição que vai se complexificando com o passar dos tempos, a partir das tensões e do equilíbrio de poder entre indivíduos, grupos e também pela apropriação do conhecimento acumulado pela humanidade em cada sociedade.

A necessidade de mudanças, no decorrer do processo civilizador, incita a humanidade a ampliar sua aprendizagem almejando uma “vida melhor”. A esse processo não planejado a longo prazo, ainda que emergja do entrelaçamento e da confrontação de muitas atividades planejadas, Elias (2006) chama de tecnização. Parecem-nos importante destacar que o termo “vida melhor” refere-se a “[...] um processo social, cujo desenvolvimento e as condições de existência tornam-se não exatamente ótimas, em sentido absoluto, mas superiores, em comparação a uma fase anterior” (ELIAS, 2006, p. 36),

O autor aponta que a busca por conhecimento “[...] envolve a humanidade, desenvolveu-se lentamente no princípio já que as pessoas sabiam relativamente pouco do mundo no qual viviam. Acelerou-se conjuntamente com o crescimento do conhecimento da natureza inanimada” (ELIAS, 2006, p. 11). Assim, do simples ato de caçar para alimentar-se à descoberta do fogo, a evolução e a ampliação tecnológica (conhecimento) têm sido uma constante em nossa existência, pois sempre emergem novas necessidades e, portanto, a busca por outros conhecimentos sociais para

atender as necessidades do homem.

Apresentado os pressupostos conceituais, pensamos ser necessário situar que durante toda a trajetória de pesquisa, procuramos olhar para o espaço do curso de extensão como uma figuração específica, que não reflete as interdependências de uma formação continuada organizada pelos sistemas de ensino, em função da proposta empreendida, das inter-relações estabelecidas pelo grupo de professores no espaço, da dinâmica de estudo e dos objetivos singulares pretendidos pelos participantes da pesquisa-formação.

Compondo essa figuração específica, além da “escuta ativa e metódica”, prática sugerida por Bourdieu (1997) para o procedimento da entrevista, acrescentamos que “[...] ouvir o que o professor tem para dizer, respeitar e tratar rigorosamente os dados que o professor introduz nas narrativas” (NÓVOA, 1992, p. 71), parece ser tarefa primordial para ancorar uma prática educativa democrática, considerando que “[...] a formação de professores [...] é uma área de conhecimento e investigação” (GARCIA, 1999, p. 26).

Com base nessas concepções, planejamos o momento onde os professores participantes pudessem fazer uma avaliação acerca dos conhecimentos e aprendizagens desenvolvidos durante o curso de extensão.

Para tal, propusemos uma questão no instrumento de entrevista para que opinassem sobre as possíveis implicações das reflexões dos nossos estudos nas práticas pedagógicas em suas salas de aula junto, visando a inclusão dos estudantes público-alvo da Educação Especial.

Os relatos, nos possibilitaram perceber o sentido que os professores deram ao processo formativo empreendido e a pertinência do conhecimento social constituído no espaço de formação continuada. Todavia, não podemos deixar de registrar que as narrativas também revelaram outros indicadores além daqueles objetivados pelo nosso estudo, como o distanciamento entre o desejo de conhecimento dos professores e os conteúdos abordados nas formações oficiais organizadas pelos sistemas de ensino.

Refletindo sobre esse distanciamento, construímos a ideia de que a busca por ampliação dos conhecimentos sociais, pode estar ancorada em situações locais ou emergenciais de um tempo-espaço institucional. No entanto, só poderemos saber sobre essa busca, se ouvirmos os professores e valorizarmos a motivação de suas necessidades para a prática pedagógica. Outrossim, sustentamos que a constituição de argumentos teórico-metodológicos para responder as demandas singulares de um grupo de estudantes ou de uma sala de aula, pode ser um disparador para estudos que dê embasamento ao professor para compreender a amplitude da prática pedagógica na sala comum e a necessidade constante de diálogo com outros serviços e apoios desenvolvidos no âmbito da escola regular, para o êxito da escolarização dos estudantes que estão sob a sua responsabilidade docente.

Somos entendedores de que a teoria eliasiana, não tem como foco os estudos relacionados aos “conhecimentos docentes”, no entanto, defende em seus pressupostos

que os seres humanos são diferenciados do resto do cosmos pelos saberes, resumidos como “[...] conhecimento construído social e intergeracionalmente, ao longo de dinâmicas de longa duração sem um ponto preciso de origem” (DE CASTRO, 2015, p. 32).

Nessa perspectiva, constituímos nosso olhar para entendermos conhecimento como “[...] um meio de orientação para a vida em sociedade [...]” (ELIAS, 2005, *apud* ALVES e SOBRINHO, 2014, p.173). Inferimos assim, que o conhecimento pedagógico desejado pelos professores em uma formação continuada faz parte de um conhecimento social que atende a um momento histórico. Contextualmente, dizemos que são conhecimentos que podem possibilitar uma docência que responda a necessidade teórica-metodológica das exigências contemporâneas da escola inclusiva.

Salientamos que, apesar de contarem com a presença de estudantes com deficiência em suas salas de aula, o grupo de professores participantes da pesquisa-formação não teve acesso aos conhecimentos sociais relativos a Educação Especial nas formações continuadas oferecidas pelos sistemas em que atuavam, fato verificado nas reflexões dos encontros e registrado nos instrumentos usados ao longo da investigação: questionários, diário de campo e, por último, a entrevista. Os conhecimentos sobre o tema da Educação Especial constituído pelo grupo de professores, resulta das trocas de experiências dentro das escolas com seus pares e a partir das subjetivações individuais resultantes das orientações legais que atravessam a prática pedagógica no ‘chão da escola’.

Conforme apreendemos com o processo de tecnização (ELIAS, 2006), podemos inferir sobre as exigências recentes de outros conhecimentos científicos para atender ao movimento social, que requer outra figuração para a escola comum. Uma figuração que supõe outro jeito de olhar e de organizar a prática pedagógica, pressupondo para uma “vida melhor” para os indivíduos que formam a instituição.

Nesse sentido, conhecer as avaliações feitas do nosso estudo, foi uma tarefa sobremaneira interessante, diante das expectativas de apreciar se os conhecimentos desenvolvidos no curso de extensão contribuíram para possibilitar a organização de práticas pedagógicas na perspectiva da inclusão aos professores participantes. Na tentativa de obter resposta, em nossa entrevista, perguntamos a cada professor: “Após o término do curso de extensão, como está desenvolvendo o trabalho pedagógico com o estudante público-alvo da Educação Especial?”

Na entrevista com a Prof.^a 5, docente da Educação Infantil, a mesma articulou, imediatamente, uma afirmativa como resposta: “[...] todos aprendem” (PROF.^a 5, 24 set. 2015). Chamou-nos a atenção a resposta breve, mas simbólica, dessa professora naquele momento, porque em uma outra atividade anterior, a profissional argumentava com o grupo que “[...] todos aprendem, isso é certo, mas como fazer com que todos aprendam em nosso contexto escolar?” (PROF.^a 5, 13º Encontro de Formação, 07 abr. 2015).

Essa constituição teórica-metodológica da Prof.^a 5, parece indicar que o

conhecimento pedagógico com base na perspectiva histórico-cultural, a partir do qual dialogamos durante o processo de formação, proporcionou-lhe uma reflexão profissional sobre a prática contextual singular, principalmente, pelos pressupostos em relação à aprendizagem dos estudantes público-alvo da Educação Especial. Nessa direção, também apreciamos a fala de uma docente que atuava nas turmas finais do Ensino Fundamental, que respondeu para a mesma pergunta: “[...] O meu jeito de olhar hoje o aluno com deficiência e não aluno deficiente [risos] mudou” (PROF.^a 8, 1 out. 2015). Entender que “o aluno com deficiência” é um conceito diferente de ‘aluno deficiente’, pressupõe conhecimentos científicos sobre o desenvolvimento do ser humano, necessários a profissão docente e, que não pode ser negligenciado nesse momento civilizatório em que a instituição escolar é defendida como espaço democrático.

As narrativas da Prof.^a 5 “todos aprendem” e da Prof.^a 8 “aluno com deficiência e, não aluno deficiente”, nos indicam uma mudança de perspectiva sobre *qual é o estudante que aprende os conteúdos da escola*. Essa outra forma de conceber os sujeitos, é um possível viabilizado pela formação continuada, a partir de um projeto que, antes de ser imposto pelas variáveis de um sistema de ensino, dialogue com as questões indicadas pelos professores, pois “[...] nenhum ser humano é o começo.” (ELIAS, 2006, p. 31). Nessa crença, precisamos olhar para os professores, considerando-os como partes de coletivos que, recorrentemente, responsabilizam os docentes pela falha na escolarização dos estudantes matriculados nas escolas, desconsiderando as inter-relações necessárias para o êxito dessa tarefa.

Na perspectiva de dar outra significação ao estudante público-alvo da Educação Especial, a Prof.^a 1, profissional que atuava na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, avaliou os conhecimentos obtidos no curso de extensão, nos relatando que depois do curso tem [...] uma visão diferente do aluno especial [...] eles têm direitos e deveres. Isso ajudou muito, na busca pela ajuda da escola com estratégias para trabalhar com o aluno especial. (Entrevista, Prof.^a 1, 6 out. 2015).

A Prof.^a 4, docente em turmas finais do Ensino Fundamental, também respondeu à pergunta da entrevista e narrou que está [...] mais preparada para receber aluno da Educação Especial na sala [...] estou um pouco mais preparada. Antes ficava perdida. Achava que eu tinha que me virar sozinha, me sentia pressionada” (Entrevista, Prof.^a 4, 7 out. 2015).

As narrativas, nos mostram que, após o período de estudos, reflexões e conhecimentos fomentados na formação continuada da qual participamos, os professores estão conscientes das obrigações que tem a instituição escolar, na composição do desenvolvimento dos trabalhos junto ao público-alvo da Educação Especial, cujos estudantes tem seus direitos amparados por uma legislação nacional específica.

Outros participantes, avaliaram as mudanças que o acesso ao conhecimento, provocou em suas práticas. Assim, propondo-se a outras práticas para atender a

demanda de desenvolvimento do estudante com deficiência, nos relata a Prof.^a12 que o conhecimento buscado no curso de extensão “[...] ajudou total. Na forma de ver. Não são coitadinhos. Não pode tratar diferente, tem que tratar como aluno, dentro do que precisa. É aluno e está na escola para aprender, tem potencial para aprender.” (ENTREVISTA, 24 set. 2015, Prof.^a12)

Essa mesma percepção de mudança na estrutura das relações entre as pessoas (professor e estudante) indicada pela Prof.^a12, também pode ser percebida no relato do Prof.10, que faz a seguinte reflexão:

[...] Depois do curso eu tenho assim, aquela preocupação de passar para aquele aluno o que eu passo para os outros alunos, por exemplo, aquele conhecimento dos alunos que irão fazer o Enem né, eu tenho uma mesma preocupação de trabalhar com aquele aluno especial. Não tenho mais aquele medo, aquela culpa. Dá muito trabalho fazer isso, mas ver o aluno participando na sala é bom sabe, prazeroso, me satisfaz como pessoa mesmo. Eu procuro trabalhar com as potencialidades dele, vejo onde ele consegue chegar.” (ENTREVISTA, 05 out. 2015, Prof.10).

O relato desses professores nos incita a refletir que a medida que os seres singulares se transformam, as figurações que eles compõem uns com os outros também se transformam, conforme anuncia Elias (2000). Nesse sentido, as ações dentro da figuração escolar podem começar a sofrer uma alteração, com o comportamento diferenciado dos profissionais em relação a prática pedagógica com os estudantes público-alvo da Educação Especial.

É certo que durante as reflexões ocorridas no curso de extensão, assumimos a prática pedagógica vivida na escola como um modo peculiar de significar os processos de reconhecimento da dignidade humana, considerando que em cada espaço sociocultural, esse processo de reconhecimento se mostra diferenciado, em função das tensões vividas na teia das relações estabelecidas entre os sujeitos concretos.

Partindo dessas considerações, nesta investigação buscamos, permanentemente, considerar as ideias e os significados que os participantes atribuíam não só ao processo de formação implementado, mas também à escola e às suas condições de trabalho. Trabalhamos sob uma perspectiva crítica e compreensiva, pressupondo a experiência constituinte dos professores participantes, com o entendimento de que constituir-se ‘professor’ está imbricado nas experiências históricas pessoais, nas trocas de experiências profissionais e, principalmente, nas aprendizagens resultantes das reflexões oportunizadas nos espaços de formação continuada. Com essa concepção, intentamos tornar os encontros um espaço de participação, em que a partilha de experiências possibilitasse a mediação entre as práticas pedagógicas e a necessidade de refletir sobre essas práticas, de modo a enriquecê-las dando-lhes outros sentidos.

Segundo análise de Gebara (2000, p.34.), “[...] Elias trabalha com padrões de interdependência em processo de mudanças, rearticulando relações de poder entre os indivíduos em sociedade”, sem perder de vista que as estruturas “[...] da psique humana, as estruturas da sociedade humana e as estruturas da história humana são

indissociavelmente complementares, só podendo ser estudadas em conjunto” (ELIAS, 1994, p. 38). Assim, “[...] compreendem-se os indivíduos conectados uns aos outros das mais variadas formas, em cadeias de interdependências, formando figurações dos mais diversos tipos, as quais mantêm tensões e relações de poder em processos sociais” (HONORATO, 2015, p.126).

Nesse sentido, as tensões vividas na contemporaneidade para garantir o direito à escolarização, principalmente, dos estudantes público-alvo da Educação Especial, denotam a naturalização de condutas excludentes construídas historicamente. Essas condutas se constituíram nas mais variadas interdependências sociais, dando uma significação de que apreender os conhecimentos acumulados pela humanidade como possibilidade para uma “vida melhor” fosse permitido apenas a um grupo social já determinado.

Apesar de Norbert Elias não ter se dedicado aos estudos da educação no âmbito escolar, as leituras de suas obras têm possibilitado a compreensão dos processos de transformações sócio-históricas e a percepção de que comportamentos individuais e a institucionalização de condutas sociais são construções humanas, porém não devem ser naturalizadas, porque fazem parte de uma arma de controle social.

Finalizamos este texto, avaliando que proposta de formação continuada empreendida junto aos professores da sala comum, imprimiu otimismo. No entanto, falamos de uma figuração específica, mas, devemos estar atentos de que as mudanças macroestruturais demandam um movimento de reflexão mais amplo, profundo e duradouro, sobre os movimentos figuracionais que fazem parte da trama política educacional contemporânea. Sem deixar escapar que em uma sociedade, mesmo quando há uma prerrogativa de controle das condutas, os caminhos irão se constituir nas ações não intencionais, tanto de grupos quanto de indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Edson Pantaleão; SOBRINHO, Reginaldo Celio. Escolarização de alunos com deficiência e as inter-relações família, escola e gestores públicos da Educação Especial. **Revista Educação Especial**, 2014, 27. 48: 171-184. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/8592>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

BOURDIEU, Pierre. “Compreender”. In: (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis, Vozes, 1997, p. 693-732.

DE CASTRO, Vinícius Dino Fonseca *et al.* Norbert Elias às voltas com a teoria do conhecimento: convergências entre a contribuição eliasiana e os filmes *Amnésia* e *Esquizofrenia*. **Revista Café com Sociologia**, v. 4, n.1, p. 31-37, 2015. Disponível em: <http://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/397>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

ELIAS, Norbert. **Tecnização e Civilização**. In: *Escritos & Ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2006. Disponível em: <<https://books.google.de/books>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

_____. **A sociedade de corte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

GEBARA, Ademir. Norbert Elias e a teoria do processo civilizador: contribuição para a análise e a pesquisa no campo do lazer. In: BRUNS, H. T. **Temas sobre o lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000.

HONORATO, Tony. Modelos escolares para formação de professores no Estado de São Paulo (1897-1921): o poder à luz de Norbert Elias. **Comunicações**, p.123-136. 2015. Disponível em: <www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacao/article/viewArticle/2175> Acesso em: 12 nov. 2015.

LONGAREZI, Andréa Maturano; SILVA, Jorge Luiz da. Interface entre pesquisa e formação de professores: delimitando o conceito de pesquisa-formação. In: **Anais do VIII Congresso Nacional De Educação – EDUCERE**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 06 a 09 de outubro de 2008. p. 4048-4061 Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/157_187.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2015.

NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Editora Porto, 1992.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-455-9

